

# Blumenau em Cadernos



TOMO XI - ★ OUTUBRO DE 1970 ★ - Nº. 10

CANTO DOS COOPERADORES

**ESTA PUBLICAÇÃO PODE SOBREVIVER GRAÇAS  
À GENEROSA CONTRIBUIÇÃO DOS  
SEGUINTE COOPERADORES:**

*Cremer S/A. — Produtos Têxteis e Cirúrgicos*

*Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A.*

*Tabacos Blumenau S/A*

*Indústrias Têxteis Comp. Hering S/A.*

*Artex S/A*

*Dr. Henrique Hacker — Blumenau.*

*José Sanches Júnior — S. Paulo.*

*Prefeitura Municipal de Blumenau.*

*Companhia de Cigarros Souza Cruz.*

*Empresa Industrial Garcia S/A.*

*Arthur Fouquet — Blumenau.*

*Banco Brasileiro de Descontos S/A*

*Tecelagem Kühnrich S/A.*

*Eletro Aço Altona S/A.*

# Bluménau

## em Cadernos

TOMO XI — ★ OUTUBRO DE 1970 ★ N.º 10

### CORONEL GUSTAVO LEBON RÉGIS

(IN MEMORIAM)

*Gustavo KONDER*

Deixo nestas páginas um pouco da biografia do meu admirável tio Gustavo Lebon Régis, irmão de minha saudosa mãe, para levá-la ao conhecimento dos leitores, especialmente aos meus conterrâneos catarinenses.

Nasceu êle no lugar denominado Ribeirão da Corda, do município de Parati, atualmente Araquari, a 18 de Fevereiro de 1874 e era filho mais velho de Alexandre Justino Régis (Xandóca) e de Luiza Lebon Régis e neto de João Francisco Régis e de Florência Pereira Régis, pelo lado paterno e pelo materno de Gustavo Lebon e de Camilla Mourrait Lebon.

Iniciou os primeiros estudos em escolas particulares, porém com ótimos professôres, na cidade dos príncipes (Joinville), já que naquele tempo não existiam escolas oficiais. Até a idade de 15 anos, quando teve de interromper os seus estudos, por ter contraído varíola, mudou-se para Campo Alegre, afim de reconvalescer. Ficando com o rosto cheio de cicatrizes, mais tarde deixou crescer a barba, conservando-a por tôda a vida. Empregou-se na casa comercial do sr. Francisco Bueno Franco, velho amigo do seu pai. Nas horas vagas, o jovem, em vez de divertir-se, aferrava-se aos livros (mesmo sem professôres), ávido em melhorar os seus conhecimentos didáticos. Quiz o destino que o Tenente Lauro Mueller, excursionando pelo interior do Estado em missão oficial, pernitoou na casa do referido negociante, notou o jovem sentado diante do balcão aprofundado nos seus livros. Entabulando conversação, aconselhou-o à ingressar no exército, matriculando-se na Escola Militar da Praia Vermelha no Rio de Janeiro. E, foi assim que, em 1892, completamente restabelecido, pediu ao pai para recambia-lo ao Rio, onde à 7 de março do mesmo ano, sentou praça no Corpo dos alunos da referida Escola Militar. Graças à sua incomparável inteligência e fôrça de vontade, salientou-se tirando as melhores notas. Infelizmente, estourou a revolta de 1893 e êle não pôde permanecer na escola. Apresentou-se para prestar serviço á República e foi engajado no posto de segundo Tenente. Em seguida, tomou parte na coluna chefiada pelo famoso Coronel Gomes Carneiro, cuja resistência paralizou o avanço dos federalistas, comandados por Gumercindo Saraiva defendendo assim a República nascente. O jovem Tenente Lebon Régis des-

tacou-se se bravamente na referida coluna e, no memorável cêrco da Lapa (Paraná) saiu bastante ferido, com uma bala no ventre, dando vivas à República. Na mesma refrega tombou, mortalmente, o Comandante Carneiro, o grande animador da resistência. (O cêrco da Lapa durou desde 13 de dezembro de 1893 a 11 de fevereiro de 1894, quando tiveram os federalistas de sitiá aquela cidade que só se rendeu depois de morto o seu heróico comandante.) Também tomaram parte na epopéia, outros catarinenses, tais como: Capitães Felipe Schmidt e Lauro Mueller, do exército, e os Coronéis Emílio Blum, Napoleão Poeta e o Tenente Oscar Candido Capella, da guarda nacional. Entre a vida e a morte, o Tenente Lebon foi deixado na mesma cidade, depois da capitulação, salvando-se milagrosamente, graças à grande dedicação do farmacêutico alemão Olympio Westphalen, que o abrigou e tratou. Curado depois, embarcou para o nosso estado, onde por algum tempo, esteve sob às ordens do Coronel Moreira Cesar, de triste memória. Voltou



ao Rio, pois discordou do referido coronel, por causa das suas arbitrariedades desumanas. Continuando o curso na escola Militar, foi novamente interrompido, em 1895, por ter havido na mesma escola uma vaia a uma alta patente. Embora não tivesse tomado parte na mesma, era exigido, para evitar o castigo, que confessasse: "Não haver tomado parte nos atos indecorosos dos seus camaradas" o que se recusou fazer. Em 1896 voltou novamente à Escola Militar e em 1899, rebelando-se o contingente do referido estabelecimento contra o oficial de dia, o aspirante Lebon Régis conseguiu dominar o motim e prender os rebeldes, sendo por isto elogiado na ordem do dia. Concluiu, brilhantemente, os estudos, sendo o curso geral em 1900 e em 1902 o curso especialista de artilharia e engenharia, sendo lhe outorgado o diploma de bacharel em ciencias físicas e matemáticas.

Depois de formado foi enviado para servir na guarnição de S. Catarina, sendo no mesmo ano promovido ao posto de Primeiro Tenente e ao mesmo tempo eleito deputado à Assembléia Estadual. A partir de então

dedicou-se à política e à administração, tendo sido líder e presidente da mesma Assembléia.

Em 1904 patrocinou a sociedade de agricultura local (Florianópolis) e no ano seguinte promoveu uma exposição agrícola, também na mesma cidade. No ano de 1908 - centenário da abertura dos portos - foi o organizador do pavilhão de S. Catarina, embora isolado, na famosa Exposição Nacional, no Rio, obteve o segundo lugar no índice de classificação. Foi ainda chefe do Serviço de Povoamento do Solo e em seguida nomeado prefeito da Capital, onde efetuou muitos melhoramentos. Recusou os honorários de prefeito porque as finanças do município não eram boas. Tendo recebido o cargo com os cofres vazios, e, sendo engenheiro, dirigia pessoalmente certas obras que a prefeitura realizava, para assim fazer economias e ativar os trabalhos.

Quando o Coronel Vidal Ramos assumiu a governança (1911/15) convidou o Capitão Gustavo Lebon Régis para ocupar o alto e espinhoso cargo de Secretário Geral do Estado, isto é, secretário de tôdas as pastas. Neste posto salientou-se por sua atuação na pacificação dos fanáticos do Contestado e por seu notável impulso dado à instrução do nosso Estado. Deu, a esta, notável incremento, sendo o precursor da fundação de grupos escolares no interior do Estado e assim atingiu o nosso a posição de segundo Estado do Brasil em matéria de instrução pública, sendo superado apenas por S. Paulo. Dos grupos escolares inaugurados, entre êles "Victor Meirelles", de Itajaí, em 4.12.1913, e "Luiz Delfino", de Blumenau, em 30.12.1913. Florianópolis, Joinville, Laguna e Lages também ganharam. Ainda mais, antes de iniciar êste grandioso plano, o Secretário Dr. Gustavo Lebon Régis foi a S. Paulo especialmente para contratar um técnico de alto gabarito, em matéria escolar para supervisionar a construção dos edificios apropriados e ao mesmo tempo selecionar professôres competentes para os cargos de diretores. Era o saudoso senhor Orestes Guimarães.

Em 1913 o Secretário Geral, quando esteve na zona de Campos Novos, combinou com comandantes militares (polícia) o plano de ataque ao último reduto dos fanáticos em Taquaruçú - atualmente uma das vilas do novel município de Fraiburgo. Êste plano realizou-se com grande sucesso, graças á clarividência do seu patrocinador.

Deixando o govêrno em 1915, o ex-governador Cel. Vidal Ramos por intermédio do jóvem oficial de gabinete, Dr. Nereu Ramos, escreveu ao Capitão Lebon Régis, também ex-secretário, a seguinte carta: "Ao deixar o govêrno do Estado, é-me grato testemunhar-vos o meu profundo reconhecimento pela inteligência, dedicação e lealdade com que vos houvestes no desempenho das importantes funções de Secretário Geral do Estado, prestando à minha administração serviços inestimáveis, sem medir sacrifícios. Fazendo votos por que continueis a prestar ao nosso Estado os serviços que êle tem o direito de esperar de vossa reconhecida capacidade e amor à causa pública, apresento-vos a segurança de minha grande estima e elevada consideração. Saúdo-vos cordialmente (ass.) Vidal José de Oliveira Ramos".

Foi eleito deputado federal em 1915, tendo na Câmara Federal defendido com carinho os interêsses do Estado, dedicando-se com especial ardor às questões do ensino e aos problemas das populações de origem estrangeira. No sessão da Câmara, em 8 de julho de 1917, o deputado Lebon Régis

pronunciou o seu melhor e mais importante discurso: "O perigo alemão e o problema do ensino em S. Catarina" refutando enèrgicamente as difamações engendradas pela imprensa carioca. Foi calorosamente aplaudido.

O jornal "O Estado", de Florianópolis, o mais antigo dos jornais do Estado, publicou, em 18/7/1917, um suelto sob o título "O perigo Alemão": O sr. Dr. Lebon Régis, talentoso Deputado Federal por este Estado, teve a gentileza de oferecer ao "O Estado" um elegante folheto com o seu importante discurso "O perigo alemão e o problema do ensino em S. Catarina", pronunciando na sessão de 8 de julho do mesmo ano".

Contribuiu, neste período, para a solução da questão de limites com o vizinho Estado do Paraná, pois tomou parte, como delegado do nosso Estado, na Comissão de Limites, chefiada pelo General Antônio de Albuquerque e Souza e, em 7 de setembro de 1917, Santa Catarina entrava na posse efetiva de 28 mil quilômetros quadrados de territórios que lhe couberam pelo tratado assinado pelo Presidente da República, Sr. Wenceslau Braz.

Em 1918, para evitar uma divisão da política do Estado que viria comprometer a chefia de Lauro Mueller a quem considerava o seu maior amigo, e nunca esquecendo ter sido êle o seu iniciador na vida pública, retirou a sua candidatura à reeleição, renunciando a favor de outro membro do Partido Republicano que cobiçava a sua cadeira na Câmara Federal, abandonando definitivamente a política.

De 1920 a 1923 serviu na Diretoria de Engenharia do Exército, encarregado de diversas obras e repetidas vêzes elogiado pelos serviços realizados.

Em 1921 foi promovido a Tenente-Coronel.

De 1923 a 1924 comandou o 4.º Batalhão de Engenharia, em Itajubá (Minas Gerais), para onde foi enviado para pacificar os ressentimentos existentes entre a população daquela cidade e o Batalhão. O que conseguiu satisfatoriamente, deixando aquêle Comando estimado e acatado por todos, quer da unidade do Exército, quer da população civil. Foi durante êste período repetidas vêzes elogiado, notadamente pela sua atuação durante o movimento revolucionário de S. Paulo e pelo serviço de salvação e auxílio da população de Itajubá durante a inundação, ali havida, tendo salvado muitas vidas.

Em 1923 foi elevado ao pôsto de Coronel. De 1924 a 1928 voltou a servir na Diretoria de Engenharia.

Em julho de 1928 foi nomeado Diretor do Colégio Militar de Pôrto Alegre, pôsto em que permaneceu até princípios de 1930, tendo executado inúmeros melhoramentos materiais e educacionais, reformando completamente o edificio do Colégio, revigorando a disciplina e ao mesmo tempo intensificando os trabalhos escolares.

Em 12 de março de 1930 foi nomeado, pelo Presidente Sr. Washigton Luiz, como comandante do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro (antiga capital). Apesar de estar já doente do mal do qual viria em breve falecer (insuficiência cardíaca), sua atuação foi de inegalável eficiência, criando grandes melhoramentos naquela corporação, sendo voz corrente entre

os denodos soldados do fogo que, nos poucos meses do seu comando fizera o Cel. Lebon Régis mais por aquela tradicional Corporação do que qualquer dos antecessores em anos passados.

A 8 de julho de 1930, dando ainda tudo do seu esforço ao serviço público, falecia o extraordinário e saudoso Coronel Gustavo Lebon Régis de um colapso cardíaco. Trabalhou sempre, apesar do seu grave estado de saúde, até a véspera do seu falecimento.

A vida do Cel. Lebon Régis pode ser sintetizada nesses três traços característicos: honradez, operosidade e espírito empreendedor.

A sua honradez, honradez de atitudes, honradez do escrúpulo no manuseio dos dinheiros públicos, eram proverbiais.

Certa vez um jornal do Rio, referindo-se a êle numa pilheria, dizia: "O deputado Dr Lebon Régis, o mais feio e o mais honesto dos membros da Câmara . . ."

A honradez de suas atitudes está estampada nos fatos relativos de sua vida pública. Da sua honestidade no manuseio dos dinheiros públicos ocupando importantes cargos públicos e lidando muitas vês com vultuosas vesbas, viveu modestíssimamente, deixando à sua amantíssima espôsa apenas uma casa de residência e o seu pecúlio.

Da sua operosidade falam inúmeros fatos. A desistência dos honorários, quando era prefeito da capital de Florianópolis, conforme já expliquei acima. Certa vês, em férias, em Campo Alegre, que muito estimava por lá ter recuperado a saúde e ter conhecido Lauro Mueller na sua adolescência, empregou o seu tempo de lazer auxiliando os dirigentes locais a resolver os problemas políticos e financeiros do município. Empreendeu obras dirigindo pessoalmente o serviço de arruamento da sua via principal, tudo isto como única recompensa da satisfação de prestar serviços àquela boa terra, pois que naquele tempo tinha abandonado completamente a política. Quando em serviço na Diretoria de Engenharia, fundou com outros engenheiros militares, o Instituto, de cuja idéia surgiu a atual Caixa de Construção para os oficiais.

Quando era ainda deputado federal, exercia (sem qualquer remuneração) o cargo de tesoureiro da Sociedade Nacional de Agricultura, da qual era presidente Lauro Mueller, reformando-lhe as finanças de tal modo que, tendo recebido a função com o cofre vazio e os ordenados e demais pagamentos atrasados, aumentou os ordenados dos funcionários, resgatou tôdas as dívidas e ao passar o cargo deixou o cofre bem provido.

Transcrevo nestas páginas algumas palavras de um ilustre intelectual: "Haverá outros brasileiros mais brilhantes pelos sucessos políticos, literários, oratórios, etc., dificilmente porém encontrar-se-á quem o tenha ultrapassado em honradez, caráter, operosidade e eficiência administrativa em todos os cargos que lhe foram confiados na vida pública. Si acrescentarmos ao que ficou: na vida particular, a personificação da integridade, chefe de família mais do que exemplar e amigo de todos os sacrifícios, teremos exprimido em termos ainda muito aquém do que seria justo o que foi o Coronel Gustavo Lebon Régis".

O Coronel Lebon Régis era casado com Da. Júlia Nascimento, filha do farmacêutico Senhor João Gonçalves do Nascimento e de Da. Januária Queiroz do Nascimento, família tradicional do Rio de Janeiro. Da. Júlia era irmã do deputado federal Dr. Nicanor Nascimento, famoso tribuno popular, e prima do Senador Irineu Machado, também ardoroso tribuno. O casal Lebon Régis, unido e feliz, deixou dois filhos: Luiza e Julio, sendo a primeira casada com um dos filhos do ex-presidente Wenceslau Braz e o segundo, Tenente-Coronel do Exército, brutalmente assassinado na cidade de General Câmara (Rio Grande do Sul) em 30 de janeiro de 1950. Estes dois filhos nasceram catarinenses, em Florianópolis.

O nosso Estado rendeu homenagens ao seu ilustre filho, dando o seu nome ao grupo escolar em Campo Alegre, inaugurado em 1930 e, quando foi criado um dos novos municípios da Zona fisiográfica do Rio do Peixe (no oeste do Estado), denominaram-no de "Município Lebon Régis", de acôrdo com a lei n.º. 380, de 19 de dezembro de 1958, promulgada pelo então Governador Dr. Jorge Lacerda.

Finaliza aqui a minha despretenciosa biografia, elaborada com o único fito de reverenciar a memória do meu inesquecível e extraordinário tio Lebon Régis.

---

## BLUMENAU

---

## E A SUA IMPRENSA

LVII

### "DER BOTE"

Ao completar 27 anos de publicação, o jornal evangélico "Christenbote", de que já demos notícia e que apareceu em janeiro de 1908, começou a dar publicidade, com o número 1, de janeiro de 1935, a um suplemento no mesmo formato da fôlha citada, com duas ou mais páginas, sob o título de "Der Bote" ("O Mensageiro"). Era, entretanto, destinado, particularmente, às senhoras evangélicas de Santa Catarina e do Paraná. Sua finalidade seria a de pugnar pela sempre maior união das senhoras em tôrno dos ideais das comunidades protestantes e dos trabalhos evangélicos afetos às mesmas paróquias. "Der Bote" era distribuído juntamente com "Der Christenbote" e era redatoriado pelos mesmos jornalistas que redigiam êste último periódico: de 1935 a 1938, o pastor Ulrich Schliemann, da Comunidade Evangélica de Florianópolis e, de 1938 até 1942, quando deixou de ser publicado, a Senhora Emma Deeke, esposa do historiador e escritor José Deeke. O fato dessa senhora ter assumido a responsabilidade pela publicação da fôlha, deve-se ao fato das pressões consequentes da Campanha de Nacionalização encetada pelas autoridades. Só brasileiros natos poderiam responsabiliza-se pela publicação de jornais. E então, geralmente, os pastores não o

eram. Dona Ema, além de nascida em Blumenau, gozava de largo prestígio entre as senhoras evangélicas e junto às autoridades da sua igreja e merecia a confiança dos orientadores da campanha nacionalizadora, pelas suas e as tradições da família de seu espôso que, por mais de uma ocasião havia dado provas de civismo em circunstâncias difíceis para o Estado e mesmo para a Nação. "Der Bote" limitava-se a trazer artigos doutrinários e informações relacionadas com os ofícios religiosos nas várias comunidades protestantes, e com as atividades femininas no campo religioso.

Desapareceu em 1941, tendo sido publicado, mensalmente e com tôda regularidade. Seu formato era de 23 X 32,5 cm.

## LVIII

### "O TINHOSO"

Ao comentarmos o aparecimento do "POR BLUMENAU UNIDO" falamos com pormenores do movimento surgido com a fragmentação de Blumenau em várias outras parcelas administrativas autônomas. Devido à sua atitude de ataque violento às autoridades estaduais de então, "Cidade de Blumenau" tivera suspensa a sua publicação. Foi, nessa oportunidade, que os seus diretores resolveram publicar um jornalzinho crítico para ridicularizar principalmente, os responsáveis pelo tracionamento do território blumenauense. Deram-lhe o nome "O Tinhoso" e seu primeiro número apareceu a 1.º de abril de 1934. Vinha com o título em vermelho, aparecendo, no O inicial a cara de um diabo e, encimando todo o título, um forcado em posição horizontal. Sob o título, o nome do diretor: Anibal Sonso. Era impresso nas oficinas da "Cidade de Blumenau". Do "Expediente" consta: "órgão diabólico brincalhão. Só sai aos domingos. A responsabilidade vai por conta do diabo". Formato 28,5 X 38,5 cm. 4 páginas abertas em 4 colunas, com caricaturas grotescas. Não foram publicados senão dois números. O segundo a 8 de abril. As brincadeiras pesadas, com referências evidentes às autoridades constituídas, resultaram na proibição do jornal por parte da polícia.

E assim morreu mais um episódio dos agitados tempos dos começos de 1934. O Arquivo Histórico possui os dois números do "O Tinhoso", cedidos pelo dr. Afonso Balsini.

## LIX

### "A JUVENTUDE"

Pelos fins de 1936, os alunos do Grupo Escolar "Luiz Delfino" fundaram um jornalzinho, cujo diretor era o menino Alfredo Kumm e gerente Walfrido Stotz. Seu fundador foi o Inspetor João dos Santos Areão, ainda vivo e membro, hoje, da Academia Catarinense de Letras. Era um jornalzinho bem feito, com quatro páginas, abertas em duas colunas, com alguns anúncios. A matéria da redação constava quase tôda de pequenas composições de alunos do Grupo, sobre os mais variados assuntos. À guisa de apresentação, o gerente Walfrido Stotz assina a seguinte nota: "A Juventude", órgão do Grupo "Luiz Delfino". O nosso Jornal. No dia 7 de setembro vai sair

o primeiro número do nosso jornal. O jornal chamar-se-á "A Juventude". Pedimos desculpas aos distintos leitores pelos erros e pela simplicidade do nosso jornal. O jornal foi organizado pelos alunos do curso preliminar do Grupo. Nós somos ainda pequenos e por isso não podemos fazer um jornal sem erros. Se os jornais organizados por homens inteligentes e cultos às vezes, erram, a nós, que somos principiantes, não é mal errar".

Por uma notícia desse jornalzinho, sabemos que, na mesma ocasião foi publicado outro jornal escolar, "A Voz do Estudante", órgão da Escola Normal Primária, anexa ao referido Grupo Escolar. Como, entretanto nos faltem elementos para tratar mais detalhadamente desse jornal ficaremos no simples registro do seu aparecimento.

"A Juventude" tinha o formato de 22,5 X 32,5 cm. Conhecemos apenas o 1º. número, datado de 7 de setembro de 1936 um exemplar que nos foi gentilmente cedido pelo Dr. Alexandre Queiroz. Não sabemos se foram publicados outros números.

## LX

### "O BANDEIRANTE"

Órgão das alunas do Colégio "Sagrada Família". Saiu sob a direção geral da aluna Mercedes de Azevedo Trilha. Direção de Dilma Zeredo e gerência de Ione Pamplona. O 1º. número apareceu em junho de 1939. Não conhecemos esse nem outros números que, porventura, tivessem sido publicados. Sabemos da sua existência por notícias publicadas em outros periódicos. ("Cidade de Blumenau", n.º. 99, de 10/6/1939)

## LXI

### "BOLETIM SEMANAL DA PREFEITURA MUNICIPAL"

A 15 de maio de 1940, o Executivo Municipal, então sob a responsabilidade do Prefeito José Ferreira da Silva, deu à publicidade o primeiro número do "Boletim Semanal da Prefeitura Municipal de Blumenau", jornal destinado à publicação dos atos do governo do Município e noticiário das atividades desse mesmo governo. Aparecia geralmente com 4 páginas. Formato 23,5 X 32,5 cm. Impresso nas oficinas do "Blumenauer Zeitung" Foi publicado regularmente até o número 46, de 29 de abril de 1941. (Este último número foi composto e impresso nas oficinas da Escola Agrícola Municipal). Foi um órgão bem feito e bem impresso que, certamente, serviu bem às finalidades para que foi criado. Vários anos depois (maio de 1966) a Prefeitura passou a publicar outro órgão sob o título "Boletim Oficial da Prefeitura Municipal de Blumenau", que ainda está sendo dado à publicidade e de que trataremos oportunamente. O Arquivo Histórico possui toda a coleção do "Boletim Semanal", aqui tratado.

## RETIFICAÇÃO

Pedimos aos nossos assinantes que retifiquem, no nº 12, do Tomo X, de "Blumenau em Cadernos", pág. 241, nas segunda e terceira linhas as datas de 1917 e 1934 para 1919 e 1936, respectivamente. De fato, a data da criação do distrito de paz de Rodeio foi 1919 e a do município 1936.

## AGRACIADO COM A ORDEM DO MÉRITO DA REPÚBLICA FEDERAL DA ALEMANHA O DIRETOR DE "BLUMENAU EM CADERNOS"

Em cerimônia realizada a 26 de setembro deste ano, no salão de atos da Biblioteca Municipal, foi entregue, pelo sr. Dr. Roland Zimmermann, Cônsul alemão de primeira classe, a comenda da Ordem do Mérito da República Federal da Alemanha conferida ao sr. José Ferreira da Silva, fundador e diretor de "Blumenau em Cadernos".

A essa cerimônia, que se revestiu de grande solenidade, estiveram presentes o representante do sr. Dr. Governador do Estado, Professor Celestino Sachet, os srs. Prefeito Municipal, Presidente da Câmara dos Vereadores, Juizes de Direito, Vigário da Paróquia, Pastor Evangélico, Reitor da Universidade Regional de Blumenau, professores, Delegações da Academia Catarinense de Letras, do Lions Clube, Rotary Clube, do Clube de Diretores Lojistas, da Associação Comercial e grande número de amigos do homenageado.

Ao fazer a entrega da insígnias, o sr. Dr. Roland Zimmermann, Cônsul da Alemanha e que também é um brilhante intelectual e um grande amigo do Brasil, proferiu o seguinte discurso:



Fazendo entrega da comenda da Ordem do Mérito ao sr. José Ferreira da Silva, o sr. Dr. Roland Zimmermann cumprimenta o agraciado.

"Nestes dias, os Rotary-Clubes no mundo inteiro comemoram a "Semana da Compreensão Mundial". Eis que a ocasião, que nos fez reunir hoje aqui, é especialmente bem escolhida, pois queremos homenagear um homem que contribuiu e continua contribuindo, como poucos, para a compreensão entre o Brasil e a Alemanha. Com os seus inúmeros trabalhos e publicações sobre a colonização do Vale do Itajaí e especialmente de Blumenau, o Professor José Ferreira da Silva de fato enriqueceu não somente a historiografia brasileira, mas também prestou serviços inestimáveis para o melhor entendimento entre os nossos povos.

Filho da terra catarinense, o professor José veio para Blumenau quando jovem, após conclusão dos seus estudos. Lá se estabeleceu e trabalhou durante vários anos como tabelião. Em seguida exerceu em Blumenau a função de inspetor do ensino secundário, desempenhando também importantes cargos na política do Município, chegando mesmo a assumir a chefia do governo Municipal de Blumenau.

Em 1960 recebeu o título honroso de "Cidadão Blumenauense" em virtude da sua atividade histórico-cultural e política para o bem desta cidade. Após uma ausência de quase duas décadas, motivada por razões profissionais, voltou definitivamente a Blumenau em 1961, para assumir a Direção da Biblioteca Pública "Fritz Müller", atividade que está exercendo ainda hoje com grande dedicação.

Além da sua atividade profissional e na sua carreira política, encontrou o Professor José ainda tempo para dedicar-se à sua verdadeira vocação: a de historiador. Graças ao seu talento de escritor e jornalista contamos com uma série de publicações importantíssimas e interessantíssimas sobre a sua terra. São tantas, que é impossível citá-las tôdas. Quero, porém, mencionar aqui uma delas que eu pessoalmente aprecio bastante: é a publicação "Blumenau em Cadernos", que sai regularmente, há já muitos anos. Em reconhecimento à sua grande obra literária foi eleito membro da Academia de Letras em 1969.

Em tôdas as publicações notamos a grande admiração do autor pelo fundador desta próspera cidade, Dr. Hermann Blumenau, e o respeito pela gigantesca obra de colonização dos imigrantes, que em maior parte vieram da Alemanha. Este interesse pela imigração alemã no Vale do Itajaí fêz com que o Professor José sentisse simpatia para com a Alemanha e sempre tanto no passado como nos dias atuais deu prova dela.

Com os seus atos e feitos o Professor José Ferreira da Silva contribuiu altamente para o estreitamento dos laços de amizade entre o Brasil e a Alemanha.

Caro Professor José, em reconhecimento a êstes méritos especiais o Presidente da República Federal da Alemanha, Senhor doutor Gustav Heinemann, conferiu-lhe a Ordem de Mérito da República Federal da Alemanha no grau de Oficial. Tenho a grande satisfação de entregar-lhe agora as insígnias da ordem e, peço-lhe aceitar as minhas cordiais felicitações por esta alta condecoração.

Queiram os aqui presentes erguer comigo a sua taça para brindar em honra ao Senhor Professor José Ferreira da Silva e sua digníssima espôsa."

# Província de Santa Catarina no Sul do Brasil

Por F. Sallentien

(Publicado no "Mittheilungen Betreffend Die Deutsche Kolonie Dona Francica" de Hamburgo, n.º 1, Janeiro de 1853, paginas 1 a 7. Tradução de José Ferreira da Silva. Original cedido pelo Dr. Carlos Ficker)

(O Sr. F. Sallentin, nascido em Brunsvique é agricultor diplomado. Ele seguiu com diversos homens jovens de sua classe e com algumas posses para o Rio Itajaí, na província Santa Catarina, onde está morando. Seguiu em Junho de 1850 e sua viagem foi feita pelo navio "Emma & Luise", sob o comando do capitão Viereck, expedido pelos Sers. E. M. Schroeder & Cia, de Hamburgo.)

Numa época em que tantas vistas estão voltadas para o Coloni-zação, torna-se talvez, desejado por muitos conhecer algumas notícias parti-culares sôbre um país que não só oferece ao pobre, ao homem sem bens de fortuna, um futuro seguro, como também ao remediado e ativo empresário particular um porvir alegre e tranqüilo. Trata-se da Província brasileira de Santa Catarina. Seja-me, pois, permitido contar alguma coisa do que me foi dado observar no curto tempo de minha permanência nessa Província.

Santa Catarina, situada entre os 25º 50' e os 29º. 20' no Sul do Brasil, oferece aos seus habitantes um clima maravilhoso e saudável e apre-senta em tôda a vasta extensão terras tão férteis como variadas na sua pro-dução, revestidas das mais lindas florestas, banhadas de rios navegáveis, próprias, como nenhuma outras, para a agricultura.

O clima quente e úmido e um ar maravilhoso e puro, suportável e benéfico à compleição do alemão. Mesmo durante o maior calor do verão (o mais alto grau que o termômetro atingiu no último verão foi 26º.R) du-rante trabalho continuado nos primeiros tempos, não soufri senão pequenos incômodos, como ligeiras dôres de cabeça que logo passam quando a gente se habitua a trabalhar sob o calor do verão. Não me consta que aqui apa-recessem doenças graves, especialmente entre os residentes alemães.

Além disso, a majestosa vegetação, o azul profundo do céu e as lindas noites de luar concorrem para que o imigrante comece muito logo a amar a nova pátria.

A Província, que tem uma extensão de costa de 65 milhas geo-gráficas, e um planalto de cêrca de 1.800 milhas quadradas é quase tôda ainda despovoada. A população alemã que corresponde a 30ª parte do to-tal de habitantes (brasileiros, brancos e negros), consta de 2.000 a 3.000 al-mas estabelecidas nas únicas colônias alemãs de que falarei mais abaixo.

Grandes e fecundas extensões de terras pemanecem desertas e intermináveis esperando apenas braços operosos dos colonos para transformá-las nos campos mais florescentes. Essas áreas, quase em tôda, podem ser ad-quiridas ainda por preço muito baixo. Nas partes menos povoadas da Pro-víncia, o morgo de terras ainda incultas é vendido no máximo por um (1) taller. Nos lugares mais povoados e onde as terras já são cultivadas, os preços variam. Aí já o morgo é avaliado entre 8 a 10 tálers.

A razão porque as terras cultivadas custam bem mais em relação às ainda em estado natural, será facilmente compreensível quando se souber que estas últimas até chegarem ao estado das primeiras e terem, portanto valor efetivo, exigem o emprêgo de determinados capitais. Assim, ninguém que tenha adquirido grandes extensões de terras, que compreendam talvez muitas milhas, não se julga só por isso ter-se tornado um homem rico: sómente depois de persistente atividade, de lavrá-las, de plantar roças, essas terras adquirem maior valor. Mas o preparo dos terrenos e das culturas não é tão difícil e trabalhoso como muitos, que só conhecem o preparo cuidadoso e árduo de uma plantação de cereais, ou uma cansativa e penosa plantação de beterraba, geralmente feita a custo de enxada, pensam.

Aqui a natureza inteira, assim como a salubridade do solo auxiliam grandemente o colono. Duas vêzes por ano, a primeira nos meses de inverno (maio e junho) e depois no verão (novembro e dezembro), derruba-se o mato da parte do terreno que se deseja plantar; deixa-se secar durante um mês inteiro e depois ateia-se fogo para que queime tanto quanto possível. Em seguida à queima, faz-se a plantação afofando-se, com enxadas, pontos em que se colocam as sementes. Ninguém pensa em arar a terra tôda, o que seria um trabalho desnecessário e dispendioso. Após algumas semanas de plantação, tôda a roça será capinada e, então, não se tem mais a fazer que esperar a colheita. Por essa forma, pode-se obter três colheitas por ano de milho, feijão e batatas

É fácil imaginar quanto um colono alemão pederá valorizar as suas terras, introduzindo-lhe muitos melhoramentos, se souber trabalhá-las um tanto racionalmente,

Quem tiver dinheiro de seu poderá empregar trabalhadores alemães ou brasileiros, ou negros livres para o preparo de suas roças; entretanto o salário é certamente alto. Um trabalhador comum de roça recebe agora, por dia, além da alimentação, 10 a 15 groschen de prata; trabalhadores melhores e mais tarimbados e mais ativos 18 a 20 até 25 sgr. Artesões como carpinteiros e marceneiros, ganham por dia 25 até 1 táler e mais.

E então hão de perguntar, por que é que uma terra que oferece tantas vantagens já não está regurgitando de imigrantes? Isso se dá em parte pelo desconhecimento desta região na Alemanha e também em parte pelos ataques e difamações de pessoas que assentaram de prejudicar a Colonização para o Brasil. Mas as balelas de clima doentio e homens selvagens já não lhes ajudam mais; a verdade sempre se opõe.

Permitam-me que refute as fantasias que correm sôbre o Brasil. Já dei acima minha opinião sôbre o clima. No que diz respeito aos animais selvagens devo dizer que eu mesmo já entrei sózinho e profundamente nas matas sem que me fôsse dado encontrar, senão, uma única vez, um quadrúpede. Os animais selvagens aqui são tão ariscos, que só mesmo caçadores experimentados são capazes de caçá-los. Nós até hoje, não tivemos a sorte de apanhar qualquer animal selvagem nas armadilhas muito bem feitas que preparamos. Portanto, ninguém tema em entrar no mato, e nem espere conseguir de caça o sustento de cada dia.

E voltando à agricultura, devo dizer que os principais gêneros que aqui se plantam são milho, feijão, abóboras, melancias, batatas, mandioca, arroz, cana-de-açúcar, café, algodão etc . . .

Só acima de 4.000 pés de altitude, no planalto de Lages, é que são cultivados o centeio, o trigo, a cevada e a aveia, porém, em pequena quantidade de sorte que tôda a farinha de trigo necessária ao consumo ainda é importada da América do Norte. A cultura de hortaliças, devido a indolência dos habitantes, é quase nula. Só com os moradores alemães se encontram quase por tôda parte repolho, rabanos, ervilhas, couve flôr etc. . . Mas aqui pede-se cultivar sem grandes serviços qualquer hortaliça alemã em qualquer época do ano. Infelizmente, com as experiências incompletas que fizemos até agora não conseguimos ainda obter boas sementes do hortaliças esperamos, entretanto que no futuro, com experiências mais cuidadosas seremos melhor sucedidos. Das árvores frutíferas alemãs crescem bem aqui uva (die Quidde) e pêsegos, regularmente maçãs e peras, mas é possível que isso por falta de melhores instruções. Das frutas nativas merecem citadas, a banana, uma fruta tão saborosa quanto nutritiva, o ananás, o amendoim (Eibisch) comestível, batata doce. Deve se mencionar também a laranja, o figo, a oliveira, romã, jabuticaba, cajú, jambo e goiaba, cujos frutos são muito próprios para conservas e dos quais muita geleia é remetida para a Alemanha.

Quanto às madeiras de lei e de qualidade e de que as florestas aqui são abundantes, especialmente as seguintes: araribá rosa, um amarelo com raios vermelhos, madeira muito preciosa para móveis. Esta província conta com três espécies diferentes de jacarandá, em parte muito bonitos: canijerana e cedro muito fino e que pode ser facilmente confundido com o mogno. Araçá, muito duro e compacto serve, para peças torneadas. Piquiá ipê e tajuba, as madeiras mais duras das quais a última serve para fazer cilindros para engenhos de açúcar. Como madeira de construção usa-se geralmente a canela prêta, sassafrás prêto, garuba, a peroba, a urucarana; para a construção de barcos usa-se de preferência as duas últimas e, para canoas geralmente o cedro, canela ou garuba pequena.

Além dessas madeiras, a floresta fornece uma porção de espécies vegetais úteis, dentro as quais cito apenas a enorme quantidade de cipós usados como cordas e as diversas variedades de palmeiras que se usa para coberturas de casas.

Para os que quizerem vir para cá e mesmo para os que desejam inteirar-se das condições do sul do Brasil, eu recomendo o livro que a êsse respeito o Dr. Hermann Blumenau escreveu: "Süd-Brasilien in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation ("O Sul do Brasil em suas relações com a emigração alemã e a colonização)", editada por Foebel, in Rudolstadt, em 1850.

Com relação à pecuária, intimamente ligada à agricultura, é bastante desenvolvida, embora feita empiricamente. As vacas e porcos vivem sôltos nos pastos, sem qualquer abrigo. As vacas criolas não se deixam mungir sem a presença do bezerro; isto talvez por falta de tentativas, que agora se procura fazer, noutro caminho e sentido.

Os bovinos são em parte grandes e bonitos; encontra-se comumente bois de colossal estampa, apropriados para canga e pue nada deixam a desejar em comparação com os de Voigtlander, comumente introduzidos

em Brunsvique. O manejo dos bois é tão simples, como prático: os bois são postos sob uma canga igual às usadas na Alemanha com a diferença apenas que aqui, a canga serve ao mesmo tempo para dois bois. O condutor põe-se adiante dos bois e estes o seguem por tôda parte.

O preço de uma vaca com cria é de 20 a 30 tálers prussianos. Uma boa junta de bois, práticos de canga, custa de 80 a 100 tálers. De outra parte o gado adquirido no planalto de Lages, custa quatro vêzes menos, mas tem a desvantagem que êle difficilmente se acostuma com outra raça. Os cavalos, que aqui têm uma muita má aparência, custam muito barato: 10 a 20 tálers ou até 30 tálers; pode-se entretanto, por um preço maior, adquirir cavalos relativamente bons. As mulas ás vêzes muito bonitas e preferidas como montarias de confiança, custam cada 30 a 40 tálers e até mais. Porcos, de que se tem aqui uma boa raça chinesa, são muito estimados porque a sua manutenção custa pouco; êles encontram sustento nos pastos e no mato, de sorte que pouco mais se precisa ajuntar para mantê-los tratados.

Sòmente em um ou outro ponto da província há um pouco de apicultura e de sericicultura; elas serão entretanto no futuro rendosas atividades acessórias dos colonos.

Quanto às indústrias agrícolas, como a fabricação de açúcar, de álcool, de licores e da extração de óleos, têm ainda quase que nenhuma representação, de sorte que um colono inteligente e técnico encontrará aqui caminho aberto para uma atividade rendosa, de vêz que essas indústrias não estão sujeitas ao pagamento de direitos e impostos. Quem não se atemorizar com os primeiros anos de trabalhos, antes de adaptar-se ao país, à sua língua e aos seus costumes e que sentir-se atraído pelas grandes maravilhas da natureza e rodeado de pequenos círculos de boas amizades, sem ambições exageradas, encontrará aqui uma vida tranqüila e feliz. Todos aqui, trabalhadores ou não, são respeitados o queridos, basta que cumpram seu dever. Homens viciados, como bebedores etc., encontrarão aqui seu fim, muito mais depressa que na Alemanha, pois, por exemplo, um bebedor não encontraria trabalho em casa de nenhum brasileiro.

Resta ainda dizer alguma coisa a respeito das regiões próximas, recomendáveis aos imigrantes. A região povoada em a sua maior parte por alemães é a de São Pedro de Alcântara, defronte à Ilha, distante umas 4 ou 5 milhas da Capital da Ilha de Santa Catarina, no continente. Ali grande parte do terreno é montanhoso; apesar disso, o milho, a batata, a mandioca, o feijão produzem bem. Entretanto não se presta muito para a cultura de cana de açúcar.

Os alemães ali já estabelecidos há muitos anos gozam, de um modo geral, de uma saudável abastança. Vi ali, na propriedade de alguns patrícios, pastos exelentes com mais de 100 reses. Encontram-se quase em cada casa engenhos para o beneficiamento da mandioca, além de alguns engenhos de arroz milho aqui e ali.

Encontram-se ainda ali e especialmente mais para cima, para o planalto de Lages, grandes sítios que se podem adquirir por preço barato; entretanto, o solo não é tão fértil e falta-lhe um rio navegável o que torna aquela parte da Província pouco futura.

Uma colônia há pouco povoada por alemães é a de Santa Isabel que, em parte também tem boas terras. Ela é mais promissora, mas falta-lhe também um rio navegável, o que é deveras lamentável.

A Colônia Dona Francisca, fundada recentemente com algumas centenas de colonos, próximo ao Rio São Francisco, tendo à sua frente homens corretos e de visão ( a Sociedade de Colonização de 1849 em Hamburgo ) está destinada a um florescente futuro. O terreno, que no começo da colônia, é um tanto pantanoso \* torna-se adiante colinoso e fértil. A cidade de São Francisco situa-se numa ilha defronte ao continente, distante umas três (3) ou quatro (4) milhas distante da Colônia ; dispõe até agora de um comércio bem fraco. A maior parte de seus habitantes é composta de franceses e brasileiros.

No Vale da Várzea Grande há também uma colônia recente. Ali, igualmente, pode-se comprar boas terras.

A Colônia do senhor Schutel, situada no rio Tijucas, foi até agora povoada por bem poucos colonos, mas dispõe também de boas terras. O rio, por longo trecho é navegável por pequenos barcos, de sorte que o futuro dessa colônia também será promissor.

A Colônia do Dr. Blumenau, situada no Itajaí Grande, e que eu conheço bem porque, graças à bondade do empresário, ali encontrei emprêgo por muito tempo, promete tornar-se um lugar muito florescente. Os terrenos contíguos à área pertencente ao estabelecimento, são geralmente muito bonitos e ricos. A colheita de feijão, foi aqui neste ano, quase o dôbro das que verifiquei nos citados como São Pedro de Alcântara. A Colônia, situada um dia de viagem rio acima, tem moradores tanto para baixo como para diante. O rio é navegável por pequenas embarcações até a colônia. Os colonos moradores às margens do rio estão, em geral, em boa situação; todos êles têm boas plantações, principalmente de cana e aparelhamento embora, primitivo, para aproveitamento da garapa. Encontraram-se belos pastos com muitas cabeças de gado bom, alguns engenhos de serrar, um moinho de farinha e uma pequena olaria. Por ser bom o pôrto junto à freguesia, navios visitam-no frequentemente. Qualquer um tem facilidade na colocação de seus produtos em virtude da frequência das viagens de navio. Aqui há ainda muita terra á venda, tanto por preços baixos como mais caras. Gente sem recursos financeiros poderá receber terras do Dr. Blumenau, da sua colônia, parte de graça, parte por preço reduzido. Quem quiser maiores esclarecimento sôbre as condições do contrato, poderá dirigir-se ao escritório de E. M. Schroeder & Cia, em Hamburgo, que recebem prospetos impresos.

Além das regiões de que falamos, principalmente, povoadas por alemães, há ainda muitos outros lugares onde se poderá adquirir terras por preço barato, mas devemos desaconselhar os imigrantes estabelecerem-se ao norte desta província, entre os rios Saí Grande e São Francisco. Essa região devido à grande umidade, seu baixo nível e a péssima água potável é prejudicial à saúde a principalmente de imigrantes recém-vindos; ali pode-se facilmente apanhar a malária e outras doenças.

Ao terminar aqui as informações sôbre esta província, que poderão não ser tão completas como eu desejaria que fôsem, mas que sob minha palavra de honra representam a absoluta verdade, desejo que elas apresentem uma imagem fiel da situação aqui para qualquer que se inte-

rêsse por êste país ou que talvez venha a escolhê-lo como sua nova pátria.

O Brasil não é terra onde se pode ajuntar fãcilmente grandes riquezas mas sim onde todo trabalhador inteligente e empreendedor poderá abrir diante de si um campo de atividade e de lucros. Com a mesma intensidade com que desejo que muitos se apressem em vir para êste país e ponham com disposição e a mão á obra sem se atemorizar ante os primeiros e trabalhosos anos, sinto-me obrigado a recomendar àqueles que não se sintam suficientemente fortes a que não emigrem para cá. Chegará o tempo em que cada um de nós, alemães que aqui nos achamos há pouco, abençoará a hora em que resolveu encaminhar os seus passos para cá; estarão abertas as portas de um futuro feliz para muitos dêles, que na sua pátria, até agora, não levaram senão uma vida miserável.

\* ) O relatório é datado de princípio de 1852. A população da Colônia Dona Francisca consta, agora, de 750 almas.

\*\* ) Isso só pode se relacionar com uma área muito pequena a qual, últimamente em parte já foi drenado e em parte o será fãcilmente.

Quer dizer o primeiro estabelecimento. Até a povoação sede, nas divisas oeste da colônia, chegam os barcos costeiros e o ancoradouro dos navios transatlânticos fica a apenas uma hora de distância de lá.

\*\*\* ) Ultimamente alemães também se estabeleceram em São Francisco. As comunicações marítimas desse pôrto com o Rio de Janeiro, a partir da fundação da Colônia, ano passado foi quatro vêzes maior do que antes. Dentro de pouco tempo entre as duas cidades será estabelecida uma linha regular de vapores, a que o govêrno brasileiro comcedeu um auxílio de 16 contos de reis (Cerca de 12, 500 tálers)

---

---

## Descende dos Müller o novo governador do Estado

Carlos O. SEARA

COLOMBO MACHADO SALES, governador eleito, é o primeiro descendente dos Müller, depois de Lauro Severiano Müller, que vai governar Santa Catarina.

A título de ilustração, e para chegarmos até Colombo, vamos enumerar, aqui, alguns dados biográficos da descendência de **Pedro Müller** pai de Lauro Severiano Müller e bisavô de Colombo.

Em abril do ano de 1829, chegavam a São Pedro de Alcântara, vindos da Alemanha, entre outros colonos, João Müller com sua mulher e seus filhos Mathias, Pedro, Jacob, Gertrudes e Bárbara, formando alí o primeiro núcleo colonial alemão fundado em Santa Catarina. Mais tarde, Pedro Müller, que se casou com Ana Michel, também alemã, mudou-se para Itajaí onde, cremos, nasceram todos os seus filhos e que foram os seguintes: Maria, Mathilde, Amélia, Pedro, Eugênio, Lauro Severiano, José, Urbano e Carolina, esta última a avó de Colombo.

MARIA MÜLLER casou-se com Manuel Agostinho Demoro e teve dois filhos: Pedro Luiz Demoro (Pedro Inglês por alcunha) e Geny que se casou com Arnaldo Oliveira.

MATHILDE MÜLLER casou-se com José Faustino Gomes e também teve dois filhos: Leopoldina, que se casou com Olímpio Aniceto Cunha e Minervina que se casou com Manoel de Souza Cunha.

AMÉLIA MÜLLER casou-se com Jacintho Gonçalves dos Reis e dessa união nasceram os seguintes filhos: Armando Müller dos Reis, Antônio Müller dos Reis, Arnaldo Müller dos Reis e Maria Amélia e Elsa. Armando casou-se com Waltrudes Bastos Coutinho (ainda viva), deixando grande descendência em Itajaí.

PEDRO MÜLLER Filho casou-se com Maria Luiza Buschele e teve os seguintes filhos: Luiz, Bráulia, Alzira e Augusta. Alzira casou-se com Aristides Palumbo e Augusta casou-se com o Desembargador Ayres de Albuquerque Gama, então Juiz de Direito em Itajaí (e depois em Blumenau, durante 10 anos)

EUGÊNIO MÜLLER, casado com Guilhermina Buschele, teve os seguintes filhos: Eugênio Müller filho, Graciliano, Esther, Bráulio, José Eugênio, Celeste e Guilhermina. José Eugênio Müller, casado com D. Maria Amaral, teve destacada atuação política não só em Santa Catarina como também em Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, onde foi prefeito Municipal e deputado federal.

LAURO SEVERIANO MÜLLER, casado com Luíza Andrade, foi, inegavelmente, o maior catarinense de todos os tempos com grande projeção no cenário político nacional, tendo sido ministro da Viação e substituiu o Barão do Rio Branco no Ministério do Exterior.

JOSÉ MUELLER, faleceu como estudante no Colégio Militar.

URBANO MUELLER, não possuímos dados biográficos a seu respeito. E finalmente,

CAROLINA MUELLER, avó de Colombo, casou-se com Júlio Salles e teve os seguintes filhos: Calombo Müller Sales, que faleceu solteiro, Calixtrato Müller Sales, pai de Colombo, casado com D. Bertha Machado; Lauro Müller Sales, o desembargador Urbano Müller Sales e Ana Müller Sales.

Aí temos, em linhas gerais, a descendência de Pedro Müller até Colombo Machado Sales e que teve origem em Itajaí, onde deixou muitas raízes.

Acresce ainda que Colombo casou-se em Laguna com D. Deyse Werner, filha de Bertholdo Werner, também de tradicional família Itajaíense.

Disse Henrique Fontes: "Os descendentes europeus valem pela quantidade e pela qualidade. Um só nome - Lauro Müller - bastaria para mostrar o préstimo do sangue novo introduzido em Santa Catarina pelos colonizadores de 1829."

---

Em 30 de agosto de 1862, o jornal "ARGUS", da então Destêrro, capital da Província de Santa Catarina, publicou o seguinte: "Dois fatos desastrosos deram-se que muito nos penalizaram por terem ocorrido em duas inocentes meninas, filhas do professor do Liceu, Becker; uma partiu as canas de um dos bracinhos, a outra sofreu muito nos tendões também de um dos braços. Ambos foram socorridas pelo dr. Raposo e dizem que vão sem novidades" - Esse Becker, era um dos professores alemães do Lyceu Provincial e que chegara a Blumenau, como imigrante. O Dr Blumenau foi quem conseguiu, com o Presidente João José Coutinho, a nomeação dêle e de Fritz Müller que, também se encontrava na Colônia Blumenau, como simples colono, como professôres do citado Lyceu. Becker era diretor e está ligado à história de Blumenau porque casara-se com a viúva do primeiro professor público do nosso município, Ferdinando Ostermann.

# REMINISCÊNCIAS

*H. P. Zimmermann*

Quem se aproxima de minha pequena cidade natal pela estrada de rodagem, seja vindo do Norte ou do Sul, a primeira coisa que dela avista é a igreja matriz. Situada num pequeno morro que vem até quase à margem do rio Itajaí Açu, um dos muitos que formam os contrafortes da serra do mar, ela domina a paisagem encantadora do vale que na margem esquerda do rio se abre largamente.

A velha matriz, construída em forma de cruz, com tórre quadrada, foi construída pelo esforço comum do povo de Gaspar em fins do século passado. O então povoado ainda se chamava São Pedro Apóstolo do Gaspar e ela foi consagrada aos apóstolos S. Pedro e S. Paulo.

Levaram vários anos para construí-la. Primeiro aplainaram o cume do morro; depois construíram um caminho carroçável até o alto para a condução do material necessário para a construção da igreja. Todos os paroquianos ajudaram na construção: uns fornecendo materiais de construção, pedras para os alicerces, tijolos e telhas, madeira, cal e areia e outros materiais necessários. E todos dedicavam um ou mais dias de serviço por semana, para que a construção chegasse a seu fim. Todos os trabalhos de construção eram conduzidos pelo padre vigário. Finalmente ficou concluída. Eu não existia ainda, quando ela foi sagrada pelo Sr. Bispo vindo de S. Paulo. Se não me falha a memória, foi Bispo sa-

grante D. Camargo de Barros, que mais tarde veio a sucumbir vítima de um naufrágio, quando de Roma para o Brasil.

De acôrdo com relatos que mais tarde ouvi, a sagração da igreja matriz foi uma grande festa para o povo de Gaspar. Além da presença do Sr. Bispo e muitos sacerdotes de sua comitiva e de paróquias vizinhas, muita gente de fora veio assistir êste grande ato, tão importante para o povo de Gaspar. Inicialmente ela teve uma pintura simples porém entre 1916 a 1918, recebeu uma pintura interior bastante artística executada por um frade franciscano leigo, e também um nôvo altar, artisticamente entalhado em madeira. Naquela, época, o artesanato era amplamente praticado por irmãos franciscanos a maioria dêles vindo da Alemanha. Especialmente em madeira realizaram trabalhos maravilhosos ainda existentes em muitas das igrejas antigas, especialmente no Norte do Brasil.

Por muitos anos a velha matriz de Gaspar continuou o ponto principal de atração para o povo de Gaspar, as grandes festas religiosas, sôbre as quais já me referi em artigos anteriores, reuniam toda a população, mas também, todos os domingos sempre ali se reunia muita gente, mesmo moradores dos pontos mais afastados do distrito, para assistir a missa dominical.

Atrás da igreja, na mesma elevação, acha-se o cemitério paroquial. Ali foram sepultados mi-

tos habitantes de Gaspar para o decanço eterno de seus restos mortais. Este cemitério foi sempre bem cuidado, e também isto era trabalho comunitário, sempre que necessário, reuniam-se pessoas para limpá-lo, assim como tôdas as quinta-feiras santas, os homens se reuniam para limpar todo o morro em que se achava a igreja.

A velha igreja foi ficando pequena para abrigar os fiéis que a ela afluíam, por isso, mais tarde, foi resolvida a construção de uma nova igreja, no mesmo local da antiga. Foi uma pena não ter conservado a igreja velha pois esta tinha formato todo especial e se hoje, ainda existisse, certamente seria monumento histórico. A nova igreja matriz é muito bonita, bastante espaçosa e possui duas tôres. Ela atrai muitos visitantes, despertam a curiosidade de muitos que, vindos de outros pontos do país, sobem até lá para vê-la mas de perto. Hoje existe um caminho que permite aos automobilistas subir com seus carros até junto à igreja, uma escada que sobe do nível da rua até o pátio da igreja, o caminho antigo para serventia de pedestres, que não preterem subir a escadaria

Quem sobe até o pátio da igreja matriz de Gaspar, não se arrepende disto. Ládo alto descortina-se uma das mais lindas vistas que se pode imaginar. Defrote a igreja corre magestosamente o belo rio Itajaí acú. Alongando a vista para frente, vê-se um extenso vale verdejante, aqui e alí salpicado de casas de moradia. A grande ponte de concreto permite passagem fácil de uma margem à outra. A esquerda e

à direita da igreja estende-se a cidade de Gaspar, e, mais além as pequenas montanhas, os contrafortes da serra do Mar. Mais acentuadamente, êstes se mostram atrás da igreja. Especialmente no período da manhã, tôda a paisagem que se descortina do alto da igreja, é simplesmente deslumbrante com sua variedade de côres e o reflexo do sol nas águas do rio.

Desculpem-me os complacentes leitores, se aqui procuro descrever a beleza de minha terra mas, como disse acima, vale a pena subir até a igreja de Gaspar para gozar de uma das mais belas paisagens do Vale do Itajaí. São muitos os que viajam para terras estranhas, à procura de novas impressões. Creio, que a maioria dêstes turistas ainda não decobriu as de sua própria terra, ou então, já estão, tão saturados de ver coisas bonitas aqui, que elas já não mais lhes causam impressões maiores. E então, vão procurar novas impressões em terras estranhas, esquecendo-se inteiramente, que ao que diz respeito a belezas naturais, nenhum outro país do mundo pode oferecer mais belas e em maior quantidade do que o Brasil. Afirmo isto com muita convicção, porque sempre de nôvo ouço de turistas estrangeiros que nos visitam e aqui se demoram um pouco mais. Quem por esnobismo viaja para terras estranhas, gastando lá o dinheiro que aqui bem melhor se poderia aplicar, pode lá encontrar melhor confôrto, mas nunca maiores belezas naturais do que as que aqui se encontram.

# UM TERRÍVEL ASSALTO DE BUGRES

O "Novidades", de Itajaí, de 30 de outubro de 1910 (ha sessenta anos) publicava o seguinte: "O Vizinho município de Camboriú, hoje inteiramente ao abrigo de incursões e ataques dos bugres, por já se terem êstes, de há muito, afastado dessa região, foi outrora, também o teatro de sangrentos encontros entre os silvícolas e os moradores do sertão. De um dêsses assaltos ficou ali memória. Deu-se êle há 75 anos, precisamente. Vale a pena narrá-lo: "Estava-se a 20 de outubro de 1835. Nesse dia, no lugar Morretes, no sítio onde hoje existe a casa de moradia e o catèzal pertencentes aos herdeiros de Jeremias Bernardes, o lavrador Manoel Aurélio Coelho e mais três companheiros achavam-se ocupados no amanho da terra. Era ao entardecer, Coelho e seus axiliares iam a terminar a tarefa diurna, quando inopinadamente surgem à beira da mata próxima diversos índios que, sem mais delongas, atiraram sôbre Manoel, ferindo-o em pleno peito. Os companheiros, espavoridos, deitaram a correr, chegando até o lugar Taboleiro, onde encontraram Vicente Coelho, irmão da vítima, o qual, sabedor do ocorrido, foi à casa, lançou mão de uma espingarda e a cavalo se dirigiu para o local onde seu irmão fôra atirado. Alí chegado, viu sair do rancho, em que os trabalhadores preparavam comidas, um bugre carregando uma panela, cujo conteúdo despejou. Vicente alvejou o índio que, soltando um grito estridente, se internou na mata. Vindo, logo em seguida, uma turma de 12 homens em auxilio de Vicente, diversos dêstes entraram na floresta, onde encontram, a à pequena distância, o índio já morto. Assenhoream-se do cadáver, cortando-lhe a cabeça que, como troféu da vitória enviaram ao Presidente da Província".

---

## — BLUMENAU EM CADERNOS —

*Fundação e direção de J. Ferreira da Silva*

**Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina**

— *Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr\$ 6.00* —

**Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil**

# **COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER**

---

BLUMENAU — Santa Catarina  
Caixa Postal, 4 — Telegramas: "CIASCHRADER"

110 anos de tradição no comércio do  
Vale do Itajaí

Sede, Administração, Escritório e Lojas  
Rua 15 de novembro n°. 117

Depósitos: Rua Itajaí, 260

**Oficina mecânica especializada "MERCEDES-BENZ"**

Rua Itajaí, 625

Revendedores de Chassis e Peças "MERCEDES-BENZ";  
Lubrificantes "MOBIL" e "MOBIL" ; pneus e câmaras de ar  
"DUNLOP" e "PIRELLI".

**Agentes Gerais da "CIA. BOAVISTA DE SEGUROS" e  
SANTA CRUZ - Cia. de Seguros Gerais.**

INDÚSTRIA

TÊXTIL

# Companhia Hering

BLUMENAU - Estado de Santa Catarina - Brasil

RUA HERMANN HERING, 1790 - CAIXA POSTAL, N.º. 1

TELEGR. : «TRICOT»

≡≡≡ HERING ≡≡≡

**FÁBRICA DE:**

**ARTEFATOS DE MALHA**

FUNDADA EM 1880

Contribuindo para a

Grandeza do Brasil

em seu Comércio

e Indústria